



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**Indisciplina em sala de aula: concepção de professores em turmas de
alfabetização**

SANDRA MARIA DA SILVA

Cavalcante, 27 de novembro de 2018.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SANDRA MARIA DA SILVA

Indisciplina em sala de aula: concepção de professores em turmas de
alfabetização

Monografia apresentada à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – FE/UNB - como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura plena em Pedagogia.

Orientação do Prof. Drº. José Vieira de Sousa – Presidente

Cavalcante, 27 de novembro de 2018.

TERMO DE APROVAÇÃO

Comissão Examinadora:

Prof. Drº. José Vieira de Sousa – Presidente
Faculdade de Educação/PAD/UnB

Profa. Me Cleonice Pereira do Nascimento Bittencourt
Faculdade de Educação/PPGE/UnB
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal-SEEDF

Prof. Esp. Carlos Henrique Silva Bittencourt
Faculdade de Educação/PPGE/UNB

Dedico este trabalho ao meu pai José Norberto da Silva (*in memoriam*). Exemplo de vida que deixou aos filhos e amigos um legado de fé, e de honestidade e simplicidade aos meus familiares. Que colaborou para que eu chegasse até aqui e aproveitasse essa rica oportunidade de desenvolver novos conhecimentos e o desenvolvimento pessoal.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus desde o primeiro momento em que fui abençoada ao ser aprovada no vestibular da UnB em 2013. Sou grata ao meu Senhor por ser o autor da vida. Ele que ao longo desses anos não me permitiu desistir, foi sempre fonte de força, foco e fé em todos esses anos de estudos árduos.

Agradeço aos meus familiares, especialmente ao meu esposo Manoel, a pessoa com quem amo partilhar a vida. Com ele tenho me sentido mais forte e feliz, obrigada pelo carinho, pela paciência e por sua capacidade de me trazer paz na correria de cada semestre.

Agradeço também às minhas filhas Lahisy e Lizandra, às minhas netas, Manoely e Rafaela, que embora não tendo conhecimento desse processo na minha vida iluminaram de maneira especial os meus pensamentos me levando a buscar mais conhecimento.

Aos professores e tutores da Universidade de Brasília e da Universidade Aberta do Brasil (UAB) pela rica oportunidade concedida.

Aos idealizadores da criação do polo de apoio presencial de Cavalcante Goiás, sobretudo ao Sr. Kaibar Emídio da Silveira e à sua esposa Sra. Carmem Luiza da Silveira, junto a seus colaboradores que não mediram esforços, lutaram e acreditaram na concretização de um sonho, e na chegada do Ensino Superior à nossa cidade.

A cada um dos meus colegas da 1ª turma do curso de Licenciatura em Pedagogia pela UAB/UnB do município de Cavalcante, pelo empenho, persistência e amizade nesses cinco anos de caminhada.

Enfim, não deixo de agradecer de forma grandiosa aos meus pais, a todos os amigos que torceram e contribuíram direta e indiretamente para a conclusão desse trabalho e estudo, bem como para a realização de um sonho.

*A educação é aquilo que sobrevive depois que tudo
o que aprendemos foi esquecido.*

B. F. Skinner

RESUMO

O presente estudo aborda a indisciplina em sala de aula. Com isso teve-se o objetivo de analisar a prática pedagógica dos professores frente às manifestações desse fenômeno. A fim de se chegar aos propósitos do estudo foram efetuadas na metodologia de trabalho a pesquisa bibliográfica e de campo, bem como a descritiva, pautando-se em levantamentos de natureza e de abordagem qualitativa. Foram aplicados os roteiros de observação durante o trabalho de investigação do contexto das turmas um, dois, três e quatro do 2º ano do Ensino Fundamental, e ainda, aplicou-se o roteiro de entrevista na coleta de dados junto à diretora escolar, e a educadoras dessas quatro turmas que fazem parte da etapa do Ciclo de Alfabetização numa escola pública localizada num município ao norte do Estado de Goiás. Conseguiu-se averiguar que a indisciplina deve ser um elemento mais debatido e abordado no processo de capacitação dos professores da Educação Básica. É necessário que cada vez mais esses profissionais lancem mão do diálogo com os alunos, pais ou responsáveis para se criar um elo de cooperação no desenvolvimento de uma educação de qualidade e que seja fortalecida em bases de respeito e aceitação do outro no espaço escolar e social, confrontando-se as barreiras comportamentais que afetam a convivência e também o aprendizado nos anos iniciais de escolarização.

Palavras-Chaves: Indisciplina; Ciclo de Alfabetização; PNAIC.

ABSTRACT

The present study addresses the indiscipline in the classroom. The purpose of this study was to analyze the pedagogical practice of teachers in face of the manifestations of this phenomenon. In order to arrive at the purposes of the study, the bibliographical and field research, as well as the descriptive research, were carried out in the work methodology, based on qualitative and qualitative approaches. The observation scripts were applied during the research work in the context of classes one, two, three and four of the 2nd year of elementary school, and the interview script was applied in the data collection with the school director, and the educators of these four classes that are part of the Literacy Cycle stage in a public school located in a municipality north of the State of Goiás. It was verified that the indiscipline must be a more debated element and approached in the process of qualification of the teachers of Basic Education. It is necessary that these professionals increasingly engage in dialogue with students, parents or guardians to create a cooperation link in the development of quality education and that is strengthened on the basis of respect and acceptance of the other in the school and social space, confronting the behavioral barriers that affect the coexistence and also the learning in the initial years of schooling.

Key-words: *Indiscipline; Literacy Cycle; PNAIC.*

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ART.	Artigo
CA	Ciclo de Alfabetização
DF	Distrito Federal
DO	Documento Orientador
EA	Educação Básica
EF	Ensino Fundamental
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EM	Ensino Médio
ESO	Estágio Supervisionado Obrigatório
IES	Instituição de Ensino Superior
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
ONG	Organizações Não Governamentais
PNAIC	Plano Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa
PNE	Plano Nacional da Educação

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Lembrança do Vemaguet	15
Figura 2: Conclusão do antigo colegial	16
Figura 3: Brincando com as netas	17

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	V
EPÍGRAFE	Vi
RESUMO	Vii
ABSTRACT	Viii
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	IX
LISTA DE FIGURAS	X
APRESENTAÇÃO	13
PARTE I – MEMORIAL	14
PARTE II– MONOGRAFIA - INDISCIPLINA EM SALA DE AULA: CONCEPÇÃO DE PROFESSORES EM TURMAS DE ALFABETIZAÇÃO	20
1 INTRODUÇÃO	20
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	22
2.1 O CICLO DE ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL: SUA IMPORTÂNCIA PARA A CONSTRUÇÃO DE SUJEITOS	22
2.2 O QUE É A INDISCIPLINA ESCOLAR?	23
2.3 A INDISCIPLINA ESCOLAR NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL	25
3. PERCURSO METODOLÓGICO	27
3.1 CONTEXTO DA PESQUISA	28
3.2 PARTICIPANTES	28
3.3 INSTRUMENTOS E MATERIAIS	29
3.4 PROCEDIMENTOS DE CONSTRUÇÃO DE DADOS	30
3.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS	30
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	31
4.1 INDISCIPLINA ESCOLAR NO CONTEXTO EDUCATIVO: CONCEPÇÕES DOS EDUCADORES	31
4.2 PRINCIPAIS CONFLITOS CAUSADOS PELA INDISCIPLINA NA SALA DE AULA	32
4.3 CONCEPÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES E DIREÇÃO A RESPEITO DAS MANIFESTAÇÕES DE INDISCIPLINA	33
4.4 ESTRATÉGIAS E INTERVENÇÕES NO TRABALHO COM A INDISCIPLINA EM SALA DE AULA	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
 PARTE III - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS FUTURAS	 40
REFERÊNCIAS	41

APÊNDICES	44
APÊNDICE I: ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O PROFESSOR (A)	44
APÊNDICE II: ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O DIRETOR (A)	45
APÊNDICE III: ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO	46
APÊNDICE IV: CRONOGRAMA	47

APRESENTAÇÃO

A indisciplina escolar é o foco temático deste estudo, estando este relacionado com a manifestação de atitudes que comprometem de acordo com Aquino (2016) a qualidade dos relacionamentos no ambiente educacional, bem como traz momentos de instabilidade e desrespeito ao outro e às suas diferenças.

O objetivo principal desse trabalho é analisar a prática pedagógica dos professores frente às manifestações de indisciplina.

A presente monografia está estruturada de forma a levar o leitor a entender todos os elementos investigados que compreendem o trabalho com a indisciplina escolar, estando essa dividida em três partes.

Na Parte I – Memorial: discorre-se sobre o nosso trajeto escolar e acadêmico e os motivos pelos quais optamos por esse tema da indisciplina.

A Parte II – Monografia: “**Indisciplina em sala de aula:** concepção de professores em turmas de alfabetização” se divide em 04 capítulos. No capítulo 1, introdução, apresentamos nosso tema, a problematização e a definição dos objetivos. No capítulo 2 apresentamos os referenciais ou pressupostos teóricos que demonstram os conceitos e reflexões iniciais de diferentes autores sobre o tema. No capítulo 3 temos o percurso metodológico adotado. Em uma abordagem de pesquisa qualitativa mostramos o contexto da escola, os participantes e, ainda, a utilização dos roteiros de observação e de entrevista para a obtenção de dados e o emprego da análise de conteúdo como meio de tratamento escolhido para analisá-los. Nos capítulos 4 e 5, apresentamos e discutimos os dados obtidos e concluímos o trabalho, respectivamente.

Finalmente, na Parte III – expomos nossas perspectivas acadêmicas e profissionais futuras.

PARTE I - MEMORIAL

Este memorial é referente ao meu percurso escolar durante a Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio e, também Ensino Superior, sendo esse último possibilitado pela Universidade Aberta do Brasil e a Universidade de Brasília. Aqui serão abordados aspectos da minha infância que jamais foram esquecidos e que são aprendizados para toda a minha vida.

Recordar o passado não é algo simples, vêm à tona diferentes sentimentos, que ficaram guardados bem lá no fundo do coração. Ao trazer de volta essas lembranças agora, depois de tanto tempo, posso compreender e entender o porquê de ser essa pessoa que me tornei hoje, o que se deu através destas experiências vividas tempos atrás.

Sou Sandra Maria da Silva, nasci em 25 de outubro de 1968 em Taguatinga, cidade Satélite do Distrito Federal. Tenho 49 anos, filha e neta de nordestinos, casada com o Manoel Alvino, mãe de duas filhas e vovó de duas meninas gêmeas de sete aninhos de idade, que são lindas e que trouxeram ao meu coração alegria em dobro. Sou filha de um casal paraibano, a segunda de uma prole de sete irmãos. Somos de origem simples e uma boa parte da minha infância foi vivida na zona rural do Estado de Goiás.

Quando penso na minha infância, lembro-me do quanto ela foi boa. Correr, brincar com minhas amigas, primos e irmãos, subir em árvores, tomar banho de rio, andar a cavalo, tomar leite de vaca tirado na hora, sentir o calor das chamas do fogão a lenha, o cheirinho da comida feita em panelas de barro, o canto do galo nas madrugadas, as fogueiras nas noites de lua cheia quando os vizinhos compareciam para aquela prosa boa, enfim, são recordações. Sendo um tempo de aprendizagem, de descobertas, um tempo de sorrir. Mesmo sem condições financeiras, tive uma infância muito gostosa, por isso lembro-me da mesma com muita saudade.

Sou esta menina, a menorzinha em frente do carro (*Vemaguet*) do meu pai, junto com minha irmã mais velha. Estávamos segundo relato da mamãe, prontas para irmos ao culto de domingo, em uma igreja evangélica. Na outra fotografia sou a da sombra do lado esquerdo, junto com minhas três irmãs brincando no quintal da nossa casa. Estas fotos amareladas pelo tempo guardam um imenso valor sentimental, porque são os momentos simples da vida que fazem toda a diferença em nossa história.

Figura 1: Lembrança do Vemaguet



Fonte: álbum de família.

Chegou a hora de ir à escola. Não frequentei a pré-escola, pois onde morávamos não tinha escola de Educação Infantil. Já ingressei logo na primeira série. Comecei a estudar com sete anos de idade em uma escola bem pequena com apenas uma sala de aula e com poucos alunos. Não me recordo bem, mas acredito que havia pouco mais de quinze alunos. Era uma turma multisseriada com estudantes de 1^a a 4^a série do antigo colegial. Frequentei essa mesma sala de aula dos sete aos dez anos de idade.

O meu primeiro dia de aula ficou em minha lembrança, pois eu era muito tímida e insegura, sentia medo do novo, mas minha família principalmente meu pai me encorajou, pois ele foi a figura mais importante nesta fase linda da minha infância porque além de ser meu pai foi também o meu mestre, amado professor, alfabetizador firme nos métodos tradicionais, porém, um filósofo nato contador de histórias.

Recordo-me dos vários momentos, enfim, das relações que eu tinha com as outras crianças e com o meu primeiro professor com carinho, pois ele era muito amável, me tranquilizava e me incentivava a aprender. Lembro-me que eu tinha muita confiança nele. Hoje entendo como é importante a afetividade na relação professor-aluno, pois esta influencia no processo de aprendizagem. Assim, acredito que o afeto é indispensável ao ato de ensinar.

Minha alfabetização aconteceu dentro dos parâmetros do modelo tradicional. Usávamos uma cartilha (não me lembro do nome). O professor nos mandava fazer várias cópias, algumas no caderno de caligrafia, que eu detestava. E assim, copiando textos, famílias silábicas, juntando sílabas, eu fui alfabetizada. Outra lembrança que me vem na memória é o caderno de atividade de casa, sempre fui muito cuidadosa e já chegava em casa querendo fazer logo minhas tarefinhas escolares, mesmo sabendo que o meu pai era o professor eu só mostrava para ele a tarefa de casa na escola. Acredito que era o jeito que eu encontrei para distinguir as duas figuras pai/professor.

Na verdade, eu não entendia bem aquele mundo de letras e números. Os anos iniciais da

minha escolarização foram bons em parte, pois confesso que tive dificuldades com os números e que a temida tabuada deixou em mim profundas marcas. Não são boas as recordações a respeito da disciplina de matemática, não tenho afinidade com a mesma, mas posso afirmar que os primeiros anos escolares são fundamentais para o aluno desenvolver interesse ou gosto por alguma matéria específica, só sei dizer que no meu caso a matemática não é uma das minhas favoritas até hoje.

É preciso que haja por parte não só do estudante o desejo de aprender, mas também que a escola e a família sejam referenciais para o aluno prosseguir nesta longa caminhada do conhecimento.

Figura 2: Conclusão do antigo colegial



Fonte: Álbum de família.

Quando passei para a 5ª série, fui estudar numa escola municipal na cidade, porque onde eu morava só ofereciam até a 4ª série. Achei realmente que o ensino que tive na escola rural foi bem fraco, mas significativo para mim. Tive um impacto muito forte ao chegar numa escola que tinha mais de trinta alunos numa única série/turma, e cada som da campanha era uma novidade para mim, porque eu nunca havia escutado um som parecido, como eu me sentia “grande” e ao mesmo tempo um peixe fora d’água! Os conteúdos não tinham nada a ver com o que eu tinha visto na outra escola. Sabe quando você parece que está num lugar que não deveria estar? Pois é, era assim que eu me sentia nos primeiros meses naquela nova escola, enfim foram momentos bastante complexos e cheios de novidades.

O interessante desta fase pré-adolescente, é que queremos voar, mas ainda não sabemos como fazer isso. As crianças quando estão na pré-adolescência ainda parecem muito infantis em alguns momentos, eu, porém, devido há um problema de saúde da minha mãe tive que ser uma “mocinha bem precoce”, porque como eu era a segunda irmã mais velha tive que aprender logo cedo as tarefas domésticas e ajudar na criação dos meus irmãos mais novos. Vi-me tendo que agir em muitos momentos de uma forma muito amadurecida (tendo atribuições de um adulto) mesmo sendo criança.

Bom, talvez seja por isso que hoje com quase cinquenta anos de idade, ainda em muitos momentos da minha rotina diária me permito brincar, sorrir, sonhar, entre outros prazeres que são

privilégios das crianças. Divirto-me muito com minhas netas, como se eu ainda fosse uma criança, como acontecia nos tempos da minha infância. O que mudou foi o tempo e o espaço, contudo, a minha essência ainda permanece.

Figura 3: Brincando com as netas



Fonte: Imagem do celular do autor.

Enfim, assim é a vida, um eterno processo, aberto a mudanças e a inovações. A criança deve ter liberdade para brincar sozinha, com os colegas ou com adultos, assim interagindo, reproduzindo, recriando ela estará criando a cultura infantil e construindo conhecimentos.

A herança familiar que recebi dos meus pais em termos de capital cultural, com toda convicção influenciou em minha vida na forma de sentir, agir e pensar, bem como na forma de tomar alguma decisão favorável em relação a alguma questão ou situação real ou que porventura eu vier a passar. Tudo que recebi desta bagagem cultural/familiar mesmo não sendo um “grande” capital cultural, devido às condições diversas vividas por meus pais, é o que tenho de base para a vida como: valores, respeito e educação herdados pelo meu convívio familiar.

A realização desse memorial foi muito importante, pois me proporcionou momentos de reflexão, onde pude voltar ao passado, relembrar acontecimentos que foram marcantes na minha vida. Pude olhá-los com os olhos do presente e pensar no que poderia ter sido diferente e o que aprendi com eles. Ao escrever fui refletindo e vendo o quanto mudei de lá para cá, isso apesar de todos os aspectos contrários trazidos pela vida. Mudei conceitos, posturas, minha opinião sobre determinadas coisas, enfim cresci, amadureci como pessoa, mas continuo sendo feliz como uma criança.

No decorrer dos meus estudos recordo-me de poucos detalhes com relação aos meus professores. As melhores lembranças que tenho estão relacionadas aos primeiros anos da minha alfabetização. Fui alfabetizada por meu pai, um professor não formado, porém, um mestre “nato” que se dedicava e tinha muita paciência para explicar/ensinar a todos seus alunos com carinho e dedicação que jamais me esquecerei.

Não sei dizer se gostei mais ou menos de algum professor, no entanto, tenho boas lembranças do diretor da minha escola, da 7ª série do antigo 1º grau, que era um padre (padre Zezinho) no Colégio Municipal de Posse-GO, o qual apesar da rigidez que possuía em cobrar dos professores era uma pessoa muito disciplinada e humilde e isso me traz boas lembranças devido ao jeito que ele nos ensinava, como, por exemplo, ao que se referem ao patriotismo, nós cantávamos o Hino Nacional todos os dias com reverência à Bandeira do Brasil.

Apesar de ser muito difícil esquecer e mudar velhos hábitos, hoje ao relembrar dos momentos relacionado ao meu percurso escolar tenho convicção de que alguns dos meus educadores foram exemplo e referência na minha trajetória de vida. Portanto, me espelharia em alguns se porventura me tornar uma professora. Serei eternamente grata a cada um deles por terem me ensinado algo. Ensinar e educar são atos de amor e deve ser feito com responsabilidade, paciência e dedicação.

Retomando para a trajetória escolar, reitero que realizei e concluí o Ensino Médio na Escola (Centro Educacional de São Sebastião) no ano de 1999. Mas devido a minha realidade de vida tive que dedicar-me por muito tempo à família e ao trabalho, o que comprometeu o ingresso em uma universidade. Contudo, em 2014, quando a Universidade de Brasília possibilitou essa riquíssima oportunidade de acesso ao Ensino Superior, pela oferta do curso de Pedagogia na modalidade à distância, eu, juntamente com meu esposo, não medimos esforços para realizar o vestibular, uma vez que, através disso, não seria preciso realizar uma mudança de cidade, como aconteceu algumas vezes em meus estudos.

Sinto-me muito feliz em ter cursado Pedagogia na Universidade de Brasília /Universidade Aberta do Brasil, principalmente por eu fazer parte da primeira turma do polo na cidade de Cavalcante-GO, local onde trabalho e resido atualmente. Isso tem sido uma honra, nunca tinha tido a oportunidade de frequentar nenhum outro tipo de ensino através do ambiente virtual, confesso que ainda tenho um pouco de dificuldade na parte tecnológica, no manuseio do computador, mas venho superando paulatinamente os desafios que surgiram e surgem. Penso que estou aprendendo não só no curso, mas ganhando conhecimentos de informática, os quais sem dúvida só irão acrescentar conhecimentos à minha vida. Os desafios nesse mundo virtual surgem, mas devem ser confrontados, e acredito que vale a pena seguir em frente.

Posso afirmar que aprendi que o educador deve ser constantemente um pesquisador buscando sempre soluções para a vida e problemas que serão enfrentados ao longo de sua existência. Faz-se necessário que o educador se auto-avale para buscar embasamentos teóricos essenciais à reconstrução de sua prática pedagógica. Tenho plena convicção de que esta prática deve estar centrada em fazer vigorar a construção do saber, levando em consideração alguns aspectos como: o conhecimento prévio, as informações e opiniões através da oralidade e da escrita e de um relacionamento afetivo e solidário.

É importante que o educador sempre se disponha a ajudar, aliviando e/ ou amenizando as angústias dos alunos, e buscando juntos uma solução para as dificuldades encontradas no decorrer de todo o processo educativo das crianças.

Reconheço que é imprescindível a construção de uma educação que venha desenvolver competências, proporcionando a formação de cidadãos críticos, reflexivos e conhecedores dos seus direitos para que possam ter a perseverança e coragem de lutar por seus objetivos, tal qual observa Freire (1998) o qual considera que a verdadeira educação é aquela que promove sujeitos ativos e transformadores do meio social.

Tenho certeza de que as lutas travadas, o cansaço, o desânimo e a ansiedade observados nessa trajetória acadêmica não foram em vão. Hoje, me considero uma mulher vitoriosa. Mas é importante ressaltar que, embora tenha alcançado essa conquista, tenho consciência de que é preciso prosseguir em busca de novos conhecimentos, a fim de aprimorar minha atuação se porventura eu seguir com a carreira de pedagoga ou em outra área relacionada, visto que, esta fonte inesgotável chamada conhecimento, está sempre à disposição para saciarmos a nossa sede.

PARTE II– MONOGRAFIA - Indisciplina em sala de aula: concepção de professores em turmas de alfabetização

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo teve como objetivo investigar a indisciplina em uma perspectiva escolar, a partir da especificidade dessa em sala de aula. A pesquisa ocorreu em uma instituição pública localizada em um município da Chapada dos Veadeiros na região norte do Estado de Goiás. É atualmente um ambiente que representa fortes questões inerentes à indisciplina em sala de aula, o que conforme Banaletti e Dametto (2015) não é incomum entre as escolas brasileiras e merece consonante atenção nos estudos e pesquisas educacionais.

A partir de Carvalho e Rodrigues (2007) pode-se entender a indisciplina como um fenômeno de ordem social, que embora manifesto individualmente acaba por refletir de maneira impactante no convívio coletivo, sendo caracterizada pelo desrespeito aos limites estabelecidos no espaço escolar e noutros ambientes que demandam determinados comportamentos.

Por meio de Boarini (2013) temos que a indisciplina é um fenômeno construído de forma coletiva, devendo ser compreendido a partir dessa percepção, em que a mesma não ocorre de forma isolada e individualizada, portanto, a esta tem elementos externos que repercutem em seu desenvolvimento.

Diante de tal complexidade e de questões que são apontadas por Aquino (2016), como, violência na escola, fracasso escolar entre outros ligados ao campo da educação é fundamental o desenvolvimento proposto, especialmente no contexto das unidades escolares públicas, tal qual foi escolhido para essa pesquisa, uma vez que, essas instituições escolares são afetadas pelo fenômeno e apresentam importantes reflexões no trabalho pedagógico e administrativo.

E foi por intermédio de prévio conhecimento do assunto obtido através de estágios e da reflexão em autores como Banaletti e Dametto (2015) e Jesus e Maia (2009) que se chegou à percepção de que essa é uma temática que deve ser abordada e ao mesmo tempo discutida no trabalho pedagógico escolar.

Esse estudo está sendo realizado em decorrência do entendimento de que esse tema tem grandes impactos na sociedade, no ensino e na educação básica, até mesmo por ajudar a reconstruir conceitos e a permitir a análise do papel de cada setor na formação das crianças.

De certo modo, é essencial entender as questões que envolvem a indisciplina com intuito de modificar atitudes e comportamentos, sendo isso o que se pretende a princípio com tal estudo na realidade da presente escola pública.

Nesse contexto, são importantes ações de acolhimento, de discussão e de reflexão sobre o assunto. Em suma, a realização desta pesquisa na área de estudo da Pedagogia contribui para a melhoria no trabalho com esse fenômeno em ambientes escolares, de modo a refletir na transformação do pensamento e da prática educacional.

Portanto, o problema de pesquisa sintetiza-se na seguinte pergunta: **“Como tem sido o enfrentamento da indisciplina dos alunos na sala de aula pelos educadores?”**

Para atender ao problema temos o seguinte:

Objetivo geral:

- Analisar a prática pedagógica dos professores frente às manifestações de indisciplina.

Objetivos específicos

- Conceituar o que é indisciplina escolar e suas repercussões no contexto educativo;
- Levantar a concepção de professores alfabetizadores a respeito das manifestações de indisciplina no contexto da sala de aula;
- Levantar os principais conflitos que surgem a partir da indisciplina;
- Analisar que estratégias e intervenções estão sendo realizadas para o trabalho com situações de indisciplina.

Para dar conta destes desafios, utilizamos como metodologia para alcançar os objetivos propostos no trabalho, a pesquisa bibliográfica, de campo e a descritiva, sendo o estudo de natureza básica e de abordagem qualitativa. Como instrumentos de pesquisa empregamos os roteiros de observação e de entrevista.

Considerando os objetivos, acima, analisamos as práticas de mediação de conflitos em sala por parte dos educadores. Entre as competências, foram averiguadas a capacidade desses trabalharem a indisciplina de uma maneira não taxativa. Nisso, reiteramos que o ambiente alvo da pesquisa foi uma escola pública, tendo como sujeitos quatro professoras do processo de alfabetização, a diretora da escola, bem como os alunos matriculados no Ciclo de Alfabetização do Ensino Fundamental nessa instituição escolar que encontram-se na faixa etária que vai de 07 a 08 anos de idade e que tiveram seus comportamentos observados.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Para melhor compreensão do tema proposto, fez-se necessário demonstrar as definições referentes ao Ciclo de Alfabetização (CA), que está presente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, de forma a considerar a sua importância para a construção do sujeito.

Em segundo momento, detalhamos a indisciplina escolar apresentando as concepções relacionadas a ela, bem como procuramos refletir em suas consequências dentro dos anos que compõem o Ciclo de Alfabetização no Ensino Fundamental.

2.1 O CICLO DE ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL: SUA IMPORTÂNCIA PARA A CONSTRUÇÃO DE SUJEITOS

O Ciclo de Alfabetização compreende os três primeiros anos relacionados ao Ensino Fundamental que atualmente é composto por nove anos dentro da Educação Básica (EA) (BRASIL, 2012a). Na educação brasileira utiliza-se o termo Ciclo para designar os níveis de ensino nos quais se dividem o tempo de estudos.

Souza; Maranhão e Maia (2016) apontam que o Ciclo de Alfabetização surge a partir do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) instituído em 12 de julho de 2012, compreendendo os objetivos de Plano Nacional de Educação (PNE) de 2010, que tem como foco universalizar a educação brasileira.

Temos que o PNAIC pode ser definido como:

[...] um compromisso formal e solidário assumido pelos governos Federal, do Distrito Federal, dos Estados e dos Municípios, desde 2012, para atender à Meta 5 do Plano Nacional da Educação (PNE), que estabelece a obrigatoriedade de “Alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental” (BRASIL, 2017, p.3, grifos do autor).

Assim, o PNAIC engloba tal Ciclo que objetiva trazer o ensino alfabetizador para as crianças matriculadas do 1º ao 3º ano do EF, de maneira a prepará-las para os anos sequenciais e finais da 1ª e 2ª fase desse nível educativo, além de contribuir para educandos mais qualificados ao chegarem ao Ensino Médio e Superior (BRASIL, 2012b).

Em faixa etária, obtém-se que sucessivamente os alunos possuem seis anos no 1º ano, sete anos no 2º ano e 8 anos no 3º ano, entendendo-se que neste último ano o educando já deve ter as principais noções especialmente nas disciplinas de língua portuguesa e matemática, que são vistas como essenciais para que esses possam seguir com os estudos nas demais etapas do Ensino Fundamental e Ensino Médio (EM) (DICKEL, 2016).

De acordo com Santos (2013) o Ciclo de Alfabetização é um momento de muita relevância para o aprendizado escolar do aluno, e é por se tratar de um processo inicial na construção do

sujeito que o Governo Federal, municípios e Distrito Federal (DF), através de ações dentro do PNAIC, promovem cursos no âmbito municipal relacionados à formação continuada dos professores da Educação Básica, no intuito de resguardar a qualidade do programa educativo.

Enfim, com as alterações da Lei nº 11.114/05 e da Lei 11.274 06 de fevereiro de 2006 houve a ampliação dos anos que compõem o Ensino Fundamental, de maneira que esse passou de 08 para 09 anos, vindo isso a afetar a idade inicial para a criança ingressar no 1º ano desse nível educacional, sendo reduzida de 07 para 06 anos (SOUZA; MARANHÃO; MAIA, 2016).

Podemos compreender que a principal motivação dessas mudanças foi garantir um ensino básico que viesse a corrigir as mazelas do passado potencializando o acesso escolar dos indivíduos na idade certa.

2.2 O QUE É A INDISCIPLINA ESCOLAR?

Silva (2016 p.1) nos informa que a palavra indisciplina, pela partícula *in* indica algo negativo, contudo, ela advém do termo latim *disciplina* que tem o significado “instrução que se dá a um discípulo”, de modo que o termo ainda advém de outros como *discipulus*, *discipere* que indicam relações de ordem e obediência.

Elnour (2007) ainda evidencia que a indisciplina é um fenômeno que acontece em toda história no processo de relações sociais entre os sujeitos, sendo normalmente usada para indicar comportamentos inadequados de alunos no ambiente escolar.

Enquanto a disciplina é entendida como um fim educacional, esperado por parte das instituições de ensino e outros aparelhos na sociedade, a indisciplina se configura num comportamento inadequado ao que se espera para as relações sociais, assim nos informam Oliveira e Reis (2005).

De acordo com Banaletti e Dametto (2015) a indisciplina escolar é um problema que afeta todas as escolas públicas e particulares do Brasil, de maneira que, a sua permanência nesses ambientes causa outros problemas que interferem diretamente na vida do educador, de gestores e do próprio aluno.

Conforme Jesus e Maia (2009) esse não é um assunto que termina numa simples observação da realidade, mas é preciso fazer algo para identificar a indisciplina a fim de resolvê-la ou ao menos controlá-la no âmbito escolar.

A indisciplina escolar é evidenciada por Garcia (1999) como uma questão que não se restringe a um único conceito, sendo a mesma entendida em três dimensões, a saber, contexto social interno e externo à escola que o aluno se relaciona, convivência e relacionamento do aluno com a escola e os seus pares e o desenvolvimento cognitivo dos educandos.

Enfim, a indisciplina é entendida como:

Incongruência entre os critérios e expectativas assumidos pela escola (que supostamente refletem o pensamento da comunidade escolar) em termos de comportamento, atitudes, socialização, relacionamentos e desenvolvimento cognitivo, e aquilo que demonstram os estudantes (GARCIA, 1999, p.102).

Assim, a indisciplina se apresenta como uma incongruência a critérios pré-estabelecidos no universo escolar, no entanto, como pontua Boarini (2013) é importante ter o entendimento de sua construção coletiva, ou seja, do fato de que diversos fatores motivam a sua frequência na trajetória de estudantes nas escolas.

Como analisam Jesus e Maia (2009) a indisciplina consiste-se num processo que não possui uma causa única, vindo a compreender os momentos de relação que o sujeito tem com a família e com os diferentes espaços na sociedade. De modo que, o trabalho para contê-la demanda dedicação de todas as instâncias sociais, inclusive da própria escola e dos educadores que são desafiados a enfrentá-la de forma cotidiana (BANALETTI; DAMETTO, 2015).

Porém, como ajuda a destacar Garcia (1999) a observação externa e superficial dessa área não conduz à clareza do que de fato acontece e que contribui para a prevalência da rebeldia por parte das crianças na escola. Além de que, se torna necessária a investigação do trabalho erigido entre os docentes para enfrentarem essa situação, entendendo-se suas limitações e as possibilidades de se refletir a temática no campo pedagógico na intenção de gerenciar da melhor forma esse dilema (AQUINO, 2016).

Encontramos as reflexões de Jesus e Maia (2009) apontando que, no âmbito educacional, a indisciplina tornou-se uma grande problemática, sendo essa compreendida como atos emergidos pelos educandos que se encontram em desacordo com a ordem e com os ideais defendidos para o espaço educativo, presumindo-se formas de punição e medidas de reajuste de conduta.

A indisciplina pode ser caracterizada por momentos como o apresentado a seguir:

Um aluno indisciplinado se rebela, não acata, nem se submete, nem tão pouco se acomoda, provocando dentro da sala de aula um desrespeito e questionamentos, e a incapacidade de se ajustar às normas e padrões explícitos pela escola, [...]. O ensino teria como um de seus obstáculos centrais a conduta desordenada dos alunos, traduzida em termos como: bagunça, tumulto, falta de limites, maus comportamentos, desrespeito às figuras de autoridade etc. (AQUINO, 1996, p. 40 *apud* CARVALHO; RODRIGUES, 2007, p.2).

Essa análise, destacada no trecho, não foge à maneira prática que o termo indisciplina se manifesta nas escolas, em que o sujeito encontra-se em situação de desajuste às normas estabelecidas como corretas. A indisciplina também tem o significado de:

[...] comportamento desordenado, contraponto direto do modelo engendrado pelo poder disciplinar, mas esta não é a única forma de burlar a ação disciplinadora, soma-se à indisciplina uma série de mecanismos como: a “cola”, a simulação, o vandalismo, o arremedo, dentre outros atos de contestação (DAMETTO; ESQUINSANI, 2009 *apud* BANALETTI; DAMETTO, 2015, p. 4).

Franzoso (2011) considera que a indisciplina preocupa professores, docentes e famílias em todos os níveis educacionais, mas acredita-se que o trabalho adequado com a mesma desde os primeiros anos da escolarização na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, gera maior oportunidade para se ter um aluno com uma percepção mais transformada em relação ao próprio comportamento.

Compreendemos que a indisciplina é um problema que interfere muito no ensino escolar, sendo ele um desafio diário, que depende de esforço, de paciência e da criação de métodos pedagógicos para vencê-la de maneira que o resgate do interesse do aluno pelo aprendizado torne-se necessário.

2.3 A INDISCIPLINA ESCOLAR NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Assim como acontece nas demais etapas do ensino básico, a indisciplina também impera no processo do Ciclo de Alfabetização do Ensino Fundamental, e conseqüentemente, ela demanda reflexão e atenção de docentes, gestores e familiares como apontam Carvalho e Rodrigues (2007).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) não aborda diretamente ações que se ligam ao combate da indisciplina na escola, mas de certa maneira contribui em seu art. 32, inciso III, para a ênfase de que no Ensino Fundamental tem como objetivo “o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores” (BRASIL, 1996, p. 17).

Tal formação de valores, nesse nível educacional, acaba por refletir na necessidade de haver compromisso de docentes e escola em adotar medidas capazes de diagnosticar e transformar positivamente as atitudes dos alunos vítimas da indisciplina.

Para Santos (2013), nesta etapa de alfabetização, por muitas vezes as situações relacionadas à indisciplina, normalmente caracterizadas por ações de rebeldia e bagunça em sala, dependem de um maior diálogo entre os educadores e os alunos, de maneira que, esse tipo de comportamento costuma ficar evidente em atividades coletivas, como, nas brincadeiras.

Atos indisciplinados sem dúvida geram inúmeras conseqüências em todo o contexto escolar, dentre estas, destaca-se a perda de tempo. Há professores que perdem muito tempo de sua aula tentando acomodar seus alunos, conseguindo a atenção desejada para explicar o conteúdo e realizar as atividades. Tempo este que poderia ser utilizado para o desenvolvimento de conteúdos e aprendizagens. Além disso, quando um grupo de alunos não está colaborando, sem dúvida o restante da turma também acaba por sofrer com isso. Enquanto uns acatam a disciplina e outros resistem a ela, o professor fica em meio a esta situação e seu trabalho acaba não sendo eficaz (BANALETTI; DAMETTO, 2015, p.9).

O que nos traz Banaletti e Dametto (2015) colabora para o entendimento de que a indisciplina termina por proporcionar sempre momentos ruins para a escola, alunos e educadores,

além dos familiares, sendo preciso o alinhamento de forças da comunidade escolar para detê-la da melhor forma.

Araújo e Alvim (2012), em estudo desenvolvido numa escola pública na cidade de Juiz de Fora, concluíram que os alunos rotulados como indisciplinados numa turma do Ciclo de Alfabetização (2º ano) terminavam por sentirem-se diferentes e excluídos das atividades educativas, de maneira que, os educadores e os colegas contribuíam sem a devida percepção para se fortalecer os comportamentos desajustados no espaço escolar.

As autoras ajudam a compreender o quanto a indisciplina é do interesse de todos os envolvidos com a educação no Ciclo de Alfabetização, e ela tem consequências graves para o processo educativo dos alunos, além de comprometer as relações do próprio aluno com a escola e educadores. E ainda, a equipe docente, por não saber lidar com esta problemática pode fomentar ainda mais este comportamento e contribuir para a revolta e desinteresse do educando.

Entre os conceitos principais da manifestação da indisciplina em contexto educativo, de acordo com Elnour (2007), está o de que tal evento é a demonstração dos traços da personalidade do indivíduo, o que teve como causa a mudança no âmbito histórico e cultural da sociedade, uma vez que, por longos períodos da história esse aspecto não era queixado no âmbito educacional.

Conforme Aquino (2016), em sala de aula, muitas são as dificuldades encontradas pelos professores no que toca o trabalho com a indisciplina em sala, entre elas, a ausência de recursos e de profissionais especializados que possam ajudar a mediar conflitos nesse cenário.

Como bem considera Franzoloso (2011), a manifestação da indisciplina em contexto de alfabetização é uma desvantagem na medida que isso começa a desequilibrar a relação entre professor e aluno, e ainda, passe a interferir negativamente no aprendizado da criança e na aceitação da mesma frente ao grupo de pertencimento escolar e entre outros.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

O presente estudo pretendeu abordar os elementos metodológicos que compreendem a realização da pesquisa relacionada à indisciplina numa escola pública de um município goiano. Em conformidade com Gil (2008), a pesquisa é a base para o conhecimento científico, sendo relevante planejá-la e estabelecer os métodos a serem seguidos, os quais são os meios para se chegar aos objetivos pretendidos.

Os tipos de pesquisa, de acordo com Gerhardt e Silveira (2009) são variados, de modo que, esses podem ser definidos quanto à abordagem que se pretende (qualitativa ou quantitativa), quanto à natureza (básica ou aplicada), quanto aos objetivos (exploratória, descritiva e explicativa), e quanto aos procedimentos (experimental, bibliográfica, documental, pesquisa ou estudo de campo, pesquisa *ex-post-facto*, pesquisa de levantamento, pesquisa com survey, estudo de caso, pesquisa participante, pesquisa-ação e pesquisa etnometodológica, pesquisa etnográfica).

Esse estudo, em especial, trabalhou com a abordagem qualitativa, com a pesquisa bibliográfica e com o estudo de campo no âmbito dos procedimentos, e com a pesquisa descritiva no que toca aos objetivos, sendo a mesma de natureza básica.

Para atingir o objetivo de conceituar o Ciclo de Alfabetização, no Ensino Fundamental, a pesquisa bibliográfica foi o recurso metódico explorado, considerando-se que a mesma pode ser definida e caracterizada como investigação que:

[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas (GIL, 2002, p.44).

E ainda, o estudo ou pesquisa de campo que foi empregada teve por foco a investigação junto aos sujeitos atendendo aos objetivos de identificar a forma de trabalho dos educadores em sala e a metodologia das aulas, e de verificar como se dá a relação entre professor e aluno e entre aluno e família, tendo-se que:

A pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa *ex-post-facto*, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc.) (FONSECA, 2002 *apud* GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 37).

A abordagem desse estudo é qualitativa, justamente porque se busca através dele a compreensão do grupo e ao mesmo tempo uma explicação para o problema da indisciplina, tendo-se o objetivo de identificar os casos reais nas salas das turmas um, dois, três e quatro do 2º ano do

Ciclo de Alfabetização (do EF), sendo importante frisar que:

Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações (DESLAURIERS, 1991, p. 58 *apud* GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.32).

Enfim, a pesquisa desenvolveu-se de forma básica (GIL, 2002), ou seja, tendo como alvo a formação de conhecimentos acadêmicos, e utilizou-se dessas possibilidades diversas dos tipos metodológicos para refletir e atender aos objetivos pretendidos com o estudo da indisciplina escolar.

3.1 CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida no contexto de uma escola municipal localizada num pequeno município do Estado de Goiás.

A instituição é fruto da luta erigida em favor da educação no município até o início dos anos 90, passando o local a atender a partir da LDB/1996 e de outros instrumentos que a alteraram a alunos matriculados na 1ª fase do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), de forma que também oferece a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

O local é um dos maiores ambientes de educação municipal pública da localidade, atendendo a um quantitativo de 600 alunos em todas essas etapas de ensino já pontuadas, tendo 12 salas de aula, 64 funcionários, espaço adaptado para deficientes, acesso a recursos tecnológicos, banheiro, biblioteca, laboratório de informática e outros meios que podem ajudar na construção de um ensino melhor, embora, identificou-se a importância de que a qualidade desses recursos seja revista.

3.2 PARTICIPANTES

Considerando ser inviável trabalhar a questão da indisciplina com todos os estudantes da 1ª fase do Ensino Fundamental na escola, no dia 03 de outubro de 2018 selecionamos para observação duas turmas do 2º ano, período vespertino, que compreendem o chamado Ciclo de Alfabetização instituído pelo PNAIC em 2012. Na classe um havia 13 alunos, sendo oito meninos e cinco meninas, já na classe dois havia 14 alunos, tendo sete meninos e sete meninas, em ambas as turmas, com idade entre sete e oito anos, advindos de famílias carentes e de classe média baixa ou média.

Nessas turmas foi feita uma observação de 01 hora/aula no intuito de investigar as práticas docentes e também o comportamento dos alunos em sala.

Já a parte de pesquisa de campo foi realizada nos dias 03 e 04 de outubro de 2018, em que por meio de entrevista trabalhamos com os quatro professores atuantes nas turmas um, dois, três e quatro do 2º ano, e com a direção da escola, isso em relação ao tema em estudo.

Este público é caracterizado por cinco mulheres, com idades entre 37 e 47 anos, sendo três com o Ensino Superior Incompleto, de forma que cursam o último período do curso de Pedagogia. Por outro lado, uma delas é formada em Pedagogia e tem Pós-Graduação (*lato sensu*) em educação inclusiva, sendo licenciada em matemática, ao passo que a última entrevistada, é ocupante do cargo de diretora da escola, possui Graduação em Letras desde 2007, com Pós-Graduação (*lato sensu*) em Educação Infantil, e em História e Cultura Afrobrasileira e Africana, sendo que atualmente faz uma nova Graduação em Licenciatura em Artes Visuais, todas através de IES públicas.

3.3 INSTRUMENTOS E MATERIAIS DE PESQUISA

Optou-se por trabalhar com dois instrumentos de coleta de dados, o que se tornou possível devido à elaboração prévia dos mesmos, como consta ao final nos apêndices (I, II e III).

O primeiro instrumento foi a observação não participante, que segundo Gil (2008), compreende-se, como o próprio nome presume, em um trabalho analítico, contudo, sem a intervenção de quem está pesquisando.

Ainda sobre a observação não participante temos a partir de Fonseca (2002), que essa técnica ajuda ao pesquisador no processo de análise do ambiente e dos comportamentos dos indivíduos, de maneira que, nessa condição ele acaba por ser um espectador dos acontecimentos.

Inicialmente, fez-se a aplicação da técnica da observação não participante junto a todos os alunos das turmas anteriormente delimitadas, tendo como finalidade identificar o público acometido pela indisciplina, a prática docente, e entre outros aspectos que corroboram para as reflexões temáticas, fazendo-se anotações no roteiro específico.

O segundo instrumento utilizado foi a entrevista semiestruturada, que potencializou-se por meio de um roteiro para os públicos de: professores das turmas e diretoria da unidade escolar. Nisso, teve-se como acessório o aparelho de celular, o qual foi útil para o processo de gravação das falas.

A entrevista semiestruturada, por sua vez, segundo consideram Gerhardt e Silveira (2009), é caracterizada por um conjunto de questões fechadas e abertas, aspecto que permite a intervenção dos participantes ao longo da pesquisa.

Para uma melhor organização, esses instrumentos de pesquisa, bem como o cronograma

constam nos apêndices deste material, que correspondem aos elementos que foram buscados ao longo da observação desses momentos.

3.4 PROCEDIMENTOS DE CONSTRUÇÃO DE DADOS

Damos continuidade à pesquisa bibliográfica para efetuar os devidos fechamentos quanto aos conhecimentos de outros autores sobre a temática, enriquecendo ainda mais a revisão de literatura no estudo, para, enfim, poder seguir com os passos de campo do estudo.

A princípio realizou-se o diálogo prévio com a direção e com as educadoras das turmas para a apresentação do tema e das ideias da pesquisa, bem como para se firmar o compromisso de liberação do espaço neste intuito.

Depois de confirmadas todas as liberações, verificamos os instrumentos de coleta de dados, outrora elaborados, e a providência de todos os recursos necessários para adentrarmos ao campo de pesquisa. Em seguida, efetuamos as primeiras observações junto às turmas em dias diferentes e as respectivas anotações dos achados no roteiro especializado, identificando a partir disso os alunos com problema da indisciplina e a prática docente nas turmas diante das situações evidenciadas, averiguando-se também o envolvimento familiar e a forma de trabalho atual com a problemática.

Enfim, aplicamos os roteiros de entrevista junto às educadoras e à direção da escola para entender suas percepções sobre o assunto, bem como buscamos compreender, a partir desse instrumento, o posicionamento da gestão da escola quanto às situações de indisciplina escolar.

3.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Com a finalização do trabalho de campo, tabulamos os dados obtidos, de forma a analisá-los e a efetuar o relatório final de pesquisa e apresentação das informações pertinentes a partir de transcrição e análise dos conteúdos obtidos pela participação do público alvo relacionado.

As atividades do trabalho de pesquisa seguiram um cronograma (presente no apêndice IV), o qual teve como início o período de criação do projeto em março de 2018 indo até a defesa e ajustes do Trabalho Final de Curso até o início de dezembro de 2018.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 INDISCIPLINA ESCOLAR NO CONTEXTO EDUCATIVO: CONCEPÇÕES DOS EDUCADORES

Evidenciou-se algumas concepções importantes que as educadoras e a direção possuem em relação à indisciplina e que se remetem aos conceitos trabalhados por Elnour (2007) e por Aquino (2016), enfim, obtivemos que as professoras concebem indisciplina escolar como sendo:

- a) Desafios no universo escolar;
- b) Causadora de dificuldades no processo de aprendizagem;
- c) Prejudicial a socialização dos alunos;
- d) Mal comportamento do aluno;
- e) Violação das regras;

Essas percepções das educadoras sobre a indisciplina contribui para pensarmos conforme coloca Boarini (2013), que entende que por muitas vezes esse fenômeno é facilmente definido pelos educadores, no entanto, um fator chave não é pontuado e nem identificado pelos mesmos, a saber, **a influência da coletividade nesse processo e de suas práticas docentes.**

Partindo disso, e do que observa Garcia (1999), podemos compreender que a indisciplina ainda é direcionada ao aluno, como se o mesmo fosse o real e único responsável por se portar desta e não daquela maneira.

Como destacam as educadoras das turmas do Ciclo de Alfabetização, e até mesmo a diretora da escola, a indisciplina é representada: pelo descumprimento de regras, pela rebeldia e desobediência ao professor. Mas isso nos traz outra questão alertada por Franzoloso (2011), que aborda que é relevante entender as singularidades presentes numa sala de aula até para se definir as tais regras de convivência, entendendo-se que, há diferentes culturas e percepções de mundo neste espaço.

Será que a indisciplina conceituada pelas profissionais e que tem aplicação às crianças do Ciclo de Alfabetização, não sugere repensar as regras existentes? Enfim, tomando por base Oliveira (2005), que entende ser relevante entender que as concepções desse fenômeno por parte das investigadas retratam muito daquilo que a própria construção da disciplina impôs, e do que a Pedagogia Tradicional fortalece.

4.2 PRINCIPAIS CONFLITOS CAUSADOS PELA INDISCIPLINA NA SALA DE AULA

A princípio, no que toca aos alunos que apresentam alguma forma de indisciplina na escola ou na sala de aula, em relação às turmas do 2º ano do EF, temos que as professoras apontaram que há cinco alunos na turma um, e seis alunos na turma dois, um aluno na turma três e 14 alunos (todos) na turma quatro.

Já na concepção da gestora, essa disse haver 160 alunos que apresentam indisciplina, sendo feita uma média de 70% de estudantes com o problema.

As afirmações vêm de encontro com as contribuições de Carvalho e Rodrigues (2007) que compreendem em seus estudos que as escolas públicas brasileiras são fortemente afetadas pelas manifestações de indisciplina.

Como aborda Boarini (2013), infelizmente, as políticas de maior acesso à educação não evidenciaram esses conflitos dentro do processo de aprendizado e nem mesmo houve a consideração de que qualidade e quantidade deveriam estar associadas, no entanto, o descuido com essa relação tem potencializado a desatenção para o problema latente nos espaços educacionais.

De acordo com as concepções das educadoras das turmas do 2º ano e da diretora da unidade, compreendeu-se que o comportamento dos alunos indisciplinados é caracterizado da seguinte maneira na escola e em sala de aula:

- a) Falta de interesse nas aulas, xingamentos e agressões entre os colegas.
- b) Desobediência, falta de interesse para com as atividades, e agressividade.
- c) Perturbação dos colegas com provocações verbais, não respeitando as regras na sala de aula, tendo algumas ocorrências de agressão física.
- d) Falta de consideração dos combinados feitos, sendo que eles não usam as palavras mágicas, como: obrigado e, por favor.
- e) Falam em tom elevado na sala de aula.
- f) Não esperam a vez para falarem.
- g) Saem da sala sem a permissão.
- h) Jogam lixo no chão.
- i) Agressividade física e moral, e rebeldia.
- j) Falta de respeito para com o colega e o professor.

As características dos alunos identificados pelas profissionais como indisciplinados não fogem às percepções que a maior parte dos docentes possuem quanto à definição do problema que

acomete aos alunos, como observa Silva (2016), que identifica que não há mistério quanto à percepção do que é indisciplina e do que é disciplina, sendo que a primeira rebate os efeitos da segunda na cultura escolar.

Outros elementos pontuados por Banaletti e Dametto (2015) que devem compreender os conflitos da indisciplina em sala são as condições que levam à manifestação da indisciplina. Nisso, os educadores, gestores e outros precisam criar medidas para se trabalhar adequadamente esse processo. Este aspecto é melhor analisado no próximo tópico.

Como identificamos por meio da realidade e da teoria, o aumento da indisciplina em sala de aula faz pensar no quanto é importante que esse fator seja averiguado e discutido na escola, especialmente na etapa do CA, período no qual as primeiras convicções estão sendo formadas em cada criança.

4.3 CONCEPÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES E DIREÇÃO A RESPEITO DAS MANIFESTAÇÕES DE INDISCIPLINA

Em estudos feitos no Documento Orientador (DO) do PNAIC (BRASIL, 2017), percebeu-se que, no Ciclo de Alfabetização é fundamental um trabalho construtivo com os alunos de forma a conduzi-los ao entendimento de que o aprendizado é algo bom e construtivo, provedor de cidadania, vindo isso a confrontar o próprio modo de comportar-se da criança em sala.

Atrelando isso com os apontamentos de Santos (2013), o qual toca na educação como direito de todos, fortalecendo-se o que já é preconizado na LDB (BRASIL, 1996) e na CF de 1988 (BRASIL, 1988), temos que, no CA seria muito positivo que as crianças que participam desse processo educativo conseguissem por si mesmas manterem-se, no geral, um comportamento de disciplina, e de obediência às normas.

No entanto, como observam Souza, Maranhão e Maia (2016) a estrutura do ensino público e muitos outros elementos no desenvolvimento do CA colaboram para a prevalência desse problema em sala de aula. E na escola investigada tal aspecto não é diferente, como descrevemos na sequência:

Pela concepção das profissionais do ensino que foram investigadas, as manifestações da indisciplina decorrem de vários aspectos, dos quais podemos observar:

- a) Falta de participação dos pais no processo pedagógico dos filhos.
- b) Falta de infraestrutura escolar.
- c) Contexto familiar e social desfavorável para o aluno.
- d) Dificuldades emocionais para lidarem com a separação dos pais, por exemplo.
- e) Influência do meio social, no qual a criança cresce, sendo que em se tratando de um

ambiente de violência, a criança é levada a defender-se, a ser agressiva.

Como identificamos nas abordagens das professoras da escola pública, a indisciplina dentro das concepções tradicionais, analisadas por Aquino (2016), é um fenômeno preponderante nessa realidade.

É possível destacar que a indisciplina manifesta nesta escola com os alunos do CA é atribuída a aspectos que são frisados por Garcia (1999) e por Boarini (2013), os quais destacam que são precursores desse fenômeno: a falta de participação dos pais na formação dos filhos, o contexto social e familiar, quando repleto de violência e de falta de diálogo, e ainda, a naturalização do problema por parte dos agentes da escola.

Entendemos, a partir disso, que a indisciplina presente nesta escola e em tantas outras no Brasil não é algo que acontece do nada, mas é importante pensá-la numa perspectiva social, compreendendo-se que ela tem relação com o meio de convívio da criança, que é influenciada por inúmeros elementos externos ao seu controle.

4.4 ESTRATÉGIAS E INTERVENÇÕES NO TRABALHO COM A INDISCIPLINA EM SALA DE AULA

Na **primeira turma observada** para a análise de estratégias docentes no campo de intervenções em relação às evidências de indisciplina, no início do mês de outubro de 2018 havia um total de oito meninos e cinco meninas em sala (13 crianças no total).

No que toca ao comportamento das crianças evidenciou-se que:

- a) Em primeiro momento os alunos demonstraram bom comportamento.
- b) Diante das evidências de indisciplina, a professora da turma demonstrou certo domínio da situação e procurou resolver os atritos a partir do diálogo e repreensão.
- c) Nas situações apresentadas não foram identificadas intervenções por parte da coordenação pedagógica e nem da diretoria da escola, ficando a cargo da própria educadora a resolução do problema manifesto em sala.

De acordo com Carvalho e Rodrigues (2007), nas situações de indisciplina o educador é o primeiro a enfrentar o problema, no entanto, é visto como adequado que a direção e a coordenação colaborem em todo momento para a tomada de medidas e para a formação de um grupo de diálogo a fim de apoiar o trabalho educativo e a contenção dos eventos.

Evidenciou-se pela observação e pelo diálogo informal com a educadora da turma que:

- a) Na escola não é oferecido serviço de atendimento psicológico aos alunos, não tendo qualquer tipo de orientação profissional especializada.
- b) Houve a informação de que em casos mais graves de indisciplina o instrumento

utilizado é a advertência, sendo feito registro em livro específico da unidade.

- c) Em situações extremas, o artefato empregado é a própria ocorrência de expulsão da criança por alguns dias do ambiente escolar.

Nesses destaques, um ponto crucial de acordo com Silva (2006) é a falta de atendimento especializado na intervenção de situações da indisciplina, o que na prática não vem ocorrendo em tal unidade escolar e que para esta autora poderia beneficiar e colaborar para a melhoria do ensino e das condições ambientais na escola.

No caso de indisciplina identificada na turma (criança andando na sala) não houve a necessidade de acionar os pais da mesma, no entanto, em situações corriqueiras os pais são avisados por telefone e chamados para ajudar a corrigir ou advertir a criança.

Na **segunda turma observada**, com (14 alunos), foram identificadas as seguintes manifestações de indisciplina que reforçaram as argumentações das educadoras durante as entrevistas:

- a) Houve uma aula tumultuada, havia muita conversa, e todos falavam ao mesmo tempo;
- b) A professora falava em tom elevado e não conseguia controlar as crianças;
- c) Enquanto a educadora dava atenção para uns alunos, os demais se movimentam o tempo todo;
- d) Os alunos saíam da sala sem pedirem permissão e a professora acabava por ignorar essa ação;
- e) Um aluno cantava uma música (*Funk*) e fazia gestos obscenos;
- f) As crianças corriam e saíam da sala, tendo demonstração do caos na turma.

Notou-se que, nesta segunda turma, há uma sequência de falta de respeito com os colegas por parte de quase todos os alunos, tendo a presença de: palavrões, chutes e puxões de cabelo, aspectos comportamentais que são entendidos por Franzoloso (2011) como retratos que demonstram o quanto ruim é a indisciplina e como ela tem relação com a violência que se manifesta de diferentes maneiras.

E por outro lado, a educadora mostrou-se desgastada, revelando-se alheia à situação que naturalizou-se no local. Essa naturalização é muito preocupante especialmente no campo do CA, precisando-se de acordo com Souza (2013) de maior reflexão docente para não permitir que esse processo formativo seja interferido por situações de indisciplina, sendo necessário criar métodos que respeitem e contribuam para que todos os alunos sejam ouvidos e assistidos dentro de suas peculiaridades comportamentais.

Na ocasião, detectou-se que a maioria dos alunos demonstrou ter muita dificuldade em escrever e ler, evidenciando-se limites quanto ao conhecimento da família silábica e outros processos preconizados durante o Ciclo de Alfabetização, como é proposto pelo PNAIC (BRASIL,

2012 b).

Pela observação prévia, que ocorreu em decorrência do Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO), em 2017, fez-se a investigação dos comportamentos dos alunos que estudavam nesta instituição de ensino e tornou-se evidente que os educadores possuem um grande desafio em torno deste assunto, que afeta diariamente o trabalho dos mesmos, o que interage com os levantamentos de Silva (2006), que considera a indisciplina um fenômeno desafiador dentro da democracia escolar.

No dia a dia percebeu-se a existência constante de situações que denotam um pouco do que os educadores enfrentam em sala de aula no que toca aos alunos que manifestam alguma forma de indisciplina.

Notou-se que as características de relutância, que há por intermédio dos alunos durante as aulas, ocorrem em situações claras de indisciplina no período de intervalo e nos momentos de abertura dos portões para o acolhimento escolar ou para a liberação dos educandos aos seus lares.

Durante a fase de entrevista com as profissionais da escola, essas foram interrogadas quanto ao que é feito para manter o bom comportamento ou para orientar que os alunos se comportem adequadamente, e para isso concluímos que são realizadas as seguintes ações:

- a) Conversa sobre as regras de convivência em sala de aula, e se necessário a família pode ser envolvida para tentar encontrar uma solução.
- b) Elaboração de um acordo de comportamento junto aos alunos, onde aqueles que descumprirem estão sujeitos a uma punição;
- c) Trabalho diário com algumas atividades voltadas a valores éticos.
- d) Definição de regras na sala de aula, observação do avanço do aluno, diálogo, orientação e busca de apoio da família.
- e) Contos de histórias e passagem de filmes com a finalidade de retirar uma moral ou fazer um debate.
- f) Constante diálogo com os alunos junto aos seus pais.
- g) Relatório das situações e aplicação de advertência em alguns casos.
- h) Quando possível faz-se o uso do trabalho de um professor mediador de conflitos, o qual não tem atendido especialmente por falta de recursos.

Tais medidas demonstram que, o incômodo sentido em relação às evidências de indisciplina, faz com que as educadoras tentem construir dentro da prática pedagógica modelos educacionais pautados na correção e na punição, o que para Elnour (2007) interage com a proposta de uma Pedagogia Tradicional.

Por outro lado, temos que já começa a ocorrer um processo mais dinamizado no enfrentamento da indisciplina, o que é evidente quando as educadoras empregam o diálogo como

meio de intervenção, sendo isso visto como positivo na percepção de Franzoloso (2011), uma vez que, para esse um problema de ordem comportamental como este exige interação dialógica entre alunos e educadores, bem como é essencial a participação da família.

Em último momento, interrogou-se as profissionais a partir da seguinte questão: de que forma você acha que a escola deve atuar para trabalhar com os alunos considerados indisciplinados? E no caso dos alunos que apresentam indisciplina, o que você acha que a direção, os professores e pais podem fazer em conjunto para ajudar a trabalhar o problema? A partir disso, tivemos sugestões importantes:

- a) As escolas precisam estar atentas para lidar de forma preventiva com a indisciplina.
- b) A escola precisa construir um espaço mais saudável para o afeto e para a prática do diálogo.
- c) Valorizar todos os aspectos que relacionam-se com o desenvolvimento psicossocial, físico e mental da criança.
- d) Valorizar a parceria com a família, envolvendo-a nos trabalhos educativos.
- e) E ainda, a geração um trabalho onde se envolva a todos na escola, de forma contínua.
- f) Determinação de regras e punições que compreendam a complexidade do ensino e suas peculiaridades.
- g) É necessário agir com calma, buscando através do diálogo e do respeito mútuo descobrir as causas da indisciplina e orientar o aluno no resgate dos valores morais por meio de projetos de combate à indisciplina.
- h) Criar parceria com o Conselho Tutelar, com a Assistência Social e outros para a construção de medidas socioeducativas.
- i) Continuar a promover palestras com pessoas capacitadas na área comportamental.
- j) Ter persistência para conduzir as medidas ao efeito desejado.
- k) Trabalhar com a conscientização dos educandos.
- l) Promover às crianças um ambiente adequado para brincadeiras e interação.

As opiniões apresentadas pelas profissionais quanto à indisciplina nos fazem perceber que é cada vez mais crescente o entendimento do quanto a escola tem um papel essencial para trabalhar com orientações em relação a esse evento, como bem analisam Carvalho e Rodrigues (2007), os quais evidenciam que, uma vez que essa manifesta-se com maior ênfase nas unidades de ensino, isso deve ajudar a fortalecer o entendimento de que as intervenções devem ser iniciadas neste espaço educativo e formativo e expandir-se para outros secundários ou relacionados.

As propostas interventivas apontadas, também demonstram um viés mais democrático do processo de gestão deste problema na escola, o que de acordo com Garcia (1999) fortalece a participação de outros atores como a família e a sociedade, considerando-se que é necessário o

entendimento de que não são apenas os educadores que devem importarem-se com esta temática.

Outro ponto que nos chama atenção nas sugestões é a promoção de um ambiente adequado (**conector I**). Nesse sentido, temos a partir de Oliveira (2005) que o espaço educativo e os recursos que ele oferece podem ser potencializadores ou inibidores de comportamento indisciplinados na escola.

Assim, uma vez que se têm recursos pedagógicos que fortaleçam a interação da criança, há maiores condições para que essa consiga depositar sua atenção ao que está sendo ensinado, diminuindo-se a sua convicção para atos indisciplinados (BOARINI, 2013).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento do estudo relacionado à indisciplina escolar obteve-se a possibilidade de conhecer um pouco mais sobre as concepções teóricas relacionadas a esse fenômeno que está presente em diversos níveis educacionais, inclusive na fase do Ciclo de Alfabetização, quando as crianças estão nos anos iniciais do EF, tendo progressão em seu processo de socialização.

Conseguimos chegar ao objetivo de analisar a prática pedagógica dos professores frente às manifestações de indisciplina no contexto da escola pública investigada, também foi possível conceituar teoricamente esse fenômeno, a partir de autores como Banaletti e Dametto (2015), Boarini (2013) e Garcia (1999).

Também averiguamos as concepções da diretora e das educadoras participantes quanto à indisciplina e às suas manifestações na escola, de forma que essa é caracterizada especialmente por comportamentos de agressividade e de desrespeito ao próximo, sendo um elemento que prejudica o ensino e o trabalho docente na unidade.

Percebemos que os conflitos relacionados à indisciplina no CA tem como causas a falta de participação da família/pais na educação dos filhos, o contato da criança com um contexto familiar ou social violento, bem como a presença de limitações e conflitos emocionais/psicológicos na vida dessa, aspectos que fazem com que a mesma extravase e direcione as suas emoções à violência e ao infringimento de regras estabelecidas nas relações de convívio. Além disso, levantamos que a falta de recursos pedagógicos na escola e de estrutura apropriada para o ensino de crianças nesta faixa etária (6 a 9 anos) são aspectos que colaboram para a indisciplina escolar.

Vimos que, as educadoras e a direção da escola enfrentam a indisciplina especialmente por meio de punições específicas e tentam aplacá-la a partir do diálogo com a criança e seus responsáveis, considerando-se que isso ainda carece de maior estruturação e do investimento no trabalho de um especialista capaz de ajudar a mediar as situações de conflito de forma mais contínua e realmente eficaz.

Enfim, a escola a partir do trabalho de educadores, de gestores escolares e municipais tem o papel de ajudar a criar medidas mais adequadas para o combate à indisciplina em sua esfera, sendo necessário considerar as causas e os meios que melhor possibilitem a mudança de comportamento dos alunos do CA, assim como de outras etapas da Educação Básica.

PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS FUTURAS

Tenho o desejo de levar adiante o projeto de exercer a Pedagogia não apenas em sala de aula, mas especialmente no âmbito empresarial e em ONG com propósito principalmente de dedicar-me a cuidar de crianças em situação de vulnerabilidade social na comunidade Cavalcantense.

Desejo que o aprendizado adquirido durante o curso de Pedagogia possa ser útil para pensar na disciplina de uma forma mais resolutiva e dialógica, como bem foi elencado nesta pesquisa.

Quero ter a oportunidade de disseminar com jovens e adultos muito do que aprendi em Freire, em *Vygotsky* e em *Piaget*, aproveitando os ensinamentos que eles trouxeram para entender e respeitar os processos de desenvolvimento da aprendizagem, criando-se alternativas que possam contribuir para a qualidade do ensino em diferentes momentos da vida do aprendiz.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina escolar**: um itinerário de um tema/problema de pesquisa. **Cad. Pesqui**, São Paulo , v. 46, n. 161, p. 664-692, Sept. 2016 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742016000300664&lng=en&nrm=iso>. access on 19 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/198053143670>.
- ARAÚJO, Raíssa Pífano de; ALVIM, Vanessa Titonelli. **A literatura infantil no processo de alfabetização**. *Revista Práticas de Linguagem*. v. 2, n. 1, jan./ jul. 2012.
- BANALETI, Samara Marina Menin; DAMETTO, Jarbas. **Indisciplina no contexto escolar**: causas, consequências e perspectivas de intervenção. Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – IDEAU. Vol. 10 – Nº 22. Passo Fundo: Julho a Dezembro 2015. Disponível em:https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/284_1.pdf. Acesso em: 10 de março de 2018.
- BOARINI, Maria Lucia. Indisciplina escolar: uma construção coletiva. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá , v. 17, n. 1, p. 123-131, June 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572013000100013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em:19 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572013000100013>.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394/1996. Brasília: Senado Federal, 2005.
- _____. Ministério da Educação. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Brasília: MEC, 2012.
- _____. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: currículo no ciclo de alfabetização: consolidação e monitoramento do processo de ensino e de aprendizagem: ano 2: unidade 1 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012.
- _____. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: a organização do planejamento e da rotina no ciclo de alfabetização na perspectiva do letramento: ano 2: unidade 2 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012.
- _____. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: a apropriação do sistema de escrita alfabética e a consolidação do processo de alfabetização: ano 2: unidade 3 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012.
- _____. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: vamos brincar de construir as nossas e outras histórias: ano 2 : unidade 4 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012.
- 109
- _____. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: planejando a alfabetização e dialogando com diferentes áreas do conhecimento: ano 2 : unidade 6 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012.

_____, **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: a heterogeneidade em sala de aula e os direitos de aprendizagem no ciclo de alfabetização: ano 2: unidade 7 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012.

_____. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: reflexões sobre a prática do professor no ciclo de alfabetização, progressão e continuidade das aprendizagens para a construção do conhecimento por todas as crianças: ano 2: unidade 8 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012.

_____. Ministério da Educação. **Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa**: Documento Orientador – PNAIC em Ação 2017. Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/reportagens/mec-divulga-o-pnaic-2017/> Acesso em: 16 de setembro de 2018.

CARVALHO, Luana Patrícia; RODRIGUES, Erinaldo Reinaldo. **A indisciplina na escola: causas e diferentes manifestações**. São Luís: Universidade Estadual do Piauí-UESPI, 2007.

DICKEL, adriana. **A avaliação nacional da alfabetização no contexto do sistema de avaliação da educação básica e do pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: responsabilização e controle. Cad. Cedes, Campinas, v. 36, n. 99, p. 193-206, maio-ago., 2016.

ELNOUR, Sara Vieira. **Indisciplina**: um conceito em debate. Curso de psicologia do UniCEUB. Brasília/ DF: Faculdade de Ciências da Saúde – FACS, Junho de 2007.

FRANZOLOSO, Mariana Ribeiro. **Existe indisciplina na educação infantil?** X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. I seminário Internacional de Representações sociais, subjetividade e educação- Curitiba: PUC/PR, 07 a 10 de novembro de 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 25ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GARCIA, Joe. **Indisciplina na Escola**: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. R. Paran. Desenv., Curitiba, n.95, jan./abr.,p. 101-108, 1999.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, 120 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JESUS, Graziela de; MAIA, Graziela Zambão Abdian. **Indisciplina Escolar**: Reflexões. Centro de Estudos e Pesquisas Sobre Administração Escolar. Marília: FAPESP, 2009.

LACÉ, Andréia; PAMPLONA, Danielle. **Projeto 5**: Fase 1. Guia do Componente Curricular. Brasília: Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Faculdade de Educação, 2018. Disponível em: https://moodle.ead.unb.br/pluginfile.php/143275/mod_resource/content/3/Guia%20da%20Disciplina-Atualizado_e-book%20digital.pdf. Acesso em: 12 de março de 2018.

OLIVEIRA, M. C. P; REIS, M. S. A. **(In) Disciplina**: uma problemática no cotidiano escolar. In: Simpósio de Educação do Sudoeste Goiano, 4., 2005, Jataí. Anais. 2005.

SANTOS, Francielen Campos de Souza. **Direitos de aprendizagem no ciclo de alfabetização (língua portuguesa)**: Direito do aluno, dever do professor e da escola. Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 2013.

SILVA, Luis Henrique Sousa. **Qual a origem da palavra indisciplina?** Origem da Palavra, 01 de junho de 2006. Disponível em: <http://origemdapalavra.com.br/pergunta/pergunta-2461/>. Acesso em: 01 abr 2018.

SOUZA, César Augusto Pimentel de; MARANHÃO, Maria Cristina Souza de Albuquerque; MAIA, Madeline Gurgel Barreto. **Leis, PNAIC e pesquisas sobre a alfabetização e o letramento matemático**. XII Encontro Nacional de Educação Matemática na Contemporaneidade: desafios e possibilidades. São Paulo – SP, 13 a 16 de julho de 2016.

SCHNEIDER, Marilda Pasqual; MOZZ, Gabriela Strauss. **Avaliação Provinha Brasil**: tendências e perspectivas na alfabetização dos anos iniciais do ensino fundamental. Visão Global, Joaçaba, v. 14, n. 1, p. 135-156, jan./jun. 2011.

APÊNDICE I: ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O PROFESSOR (A)

Roteiro de Entrevista – Professor (a)
IDENTIFICAÇÃO a). Qual a sua idade? b). Sexo () M () F c). Qual é a sua formação? Quando concluiu a graduação? Possui pós-graduação? Em que área de conhecimento? QUESTÕES: 01). O que você entende por indisciplina? 02). Quantos de seus alunos apresentam alguma forma de indisciplina na escola/sala de aula? 03). Como se caracteriza o comportamento desses alunos na escola e em sala de aula? 04). A que se deve esse comportamento, em sua opinião? 05). O que você faz para manter o bom comportamento ou para orientar que os alunos se comportem adequadamente? 06). De que forma você acha que a escola deve atuar para trabalhar com os alunos considerados indisciplinados? E no caso dos alunos que apresentam indisciplina, o que você acha que a direção, os professores e pais podem fazer em conjunto para ajudar a trabalhar o problema?

Fonte: Elaborado pela própria autora

APÊNDICE II: ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O (A) DIRETOR(A)

Roteiro de Entrevista - Direção da Escola
IDENTIFICAÇÃO
a). Qual a sua idade?
b). Sexo () M () F
c). Qual é a sua formação? Quando concluiu a graduação? Possui pós-graduação? Em que área de conhecimento?
QUESTÕES:
01). O que você entende por indisciplina?
02). Quantos alunos em média apresentam alguma forma de indisciplina na escola?
03). Para você, como se caracteriza o comportamento desses alunos na escola e em sala de aula?
04). A que se deve esse comportamento, em sua opinião?
05) O que você faz para manter o bom comportamento ou para orientar que os alunos se comportem adequadamente?
06). De que forma você acha que a escola deve atuar para trabalhar com os alunos considerados indisciplinados? Considerando gestores, professores e pais para ajudar a trabalhar o problema?
9). Os pais foram acionados e como eles reagem?
10). De que forma os pais foram abordados? E foi correta a abordagem?

Fonte: Elaborado pela própria autora.

APÊNDICE III: ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Roteiro de observação não participante dos professores e alunos do 2º ano
Aspectos observados nas turmas do 2º ano
1-Total de alunos na turma: _____
Meninos:
Meninas:
4-Observar como os alunos se comportam? _____
5-O que fez o (a) professor (a) diante das evidências de indisciplina? _____
6-Houve alguma intervenção da coordenação pedagógica? _____
7-Houve alguma intervenção da diretoria ou de outro setor para conversar com o aluno? _____
8-Na instituição oferece-se algum acompanhamento de orientação ou psicologia? _____
9-Os pais foram acionados e como eles reagem? _____
10-De que forma os pais foram abordados? E foi correta a abordagem? _____

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Fonte: Elaborado pela própria autora